

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
CURSO DE APERFEIÇOAMENTO - PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA
ESCOLA DA TERRA

DANILA DE ANGELI

AGROFLORESTA EM PRÁTICA EDUCATIVA NOS COLÉGIOS ESTADUAL E
MUNICIPAL DO ASSENTAMENTO VALMIR MOTA DE OLIVEIRA NO
MUNICÍPIO DE CASCAVEL.

Relato de Experiência apresentado ao curso de
Aperfeiçoamento do Programa de Formação Continuada
Escola da Terra da Universidade Federal da Fronteira Sul
- UFFS como requisito parcial para a conclusão do curso.
Orientador(a): Vitor de Moraes Prof.(a) Danila De Angeli

LARANJEIRAS DO SUL

2024

**AGROFLORESTA EM PRÁTICA EDUCATIVA NOS COLÉGIOS ESTADUAL E
MUNICIPAL DO ASSENTAMENTO VALMIR MOTA DE OLIVEIRA NO
MUNICÍPIO DE CASCAVEL.**

INTRODUÇÃO

Considerando que o MST, tem como um dos princípios educativos a luta pelo acesso ao meio de produção e a alimentação saudável a produção agroecológica é um dos pilares fundamentais na proposta de educação e de produção do Movimento. Ela demanda uma transformação na educação, nas interações entre as pessoas e na forma como a vida é produzida. Isso inclui explorar como integrar o conhecimento escolar com práticas de agroecologia que valorizam a biodiversidade. O propósito central desse tipo de cultivo é oferecer aos alunos, durante o período de aprendizado, oportunidades para desenvolver atividades que favoreçam a assimilação de conteúdos curriculares e promovam a conexão com o meio ambiente e a agroecologia. As abordagens agroecológicas e agroflorestais desempenham um papel crucial nas instituições educacionais associadas ao MST, pois possibilitam a integração entre teoria e prática, auxiliando no crescimento crítico dos indivíduos e na sensibilização e preservação do meio ambiente.

Avaliando a necessidade de uma prática educativa que leve em consideração a proposta e realidade dos estudantes das escolas do MST a iniciativa da construção de uma agrofloresta veem para contribuir com a formação dos educandos como sujeitos que constroem sua própria história.

Esse relato tem como intenção apresentar as práticas e experiências realizadas pelos educandos das escolas do assentamento Valmir Mota de Oliveira no trabalho de construção e continuidade de uma horta agroflorestal. O sistema agroflorestal, conhecida também como agrofloresta, têm como um dos preceitos equilibrar o crescimento da produtividade com a preservação ambiental e a melhoria das condições de vida das comunidades rurais. É um tipo de agricultura que adota os princípios naturais, promovendo uma produção rica em quantidade e ao mesmo tempo preservando a natureza. Tendo em visto que esse tipo de cultivo permite.

A Escola de assentamento deve preparar as crianças para o trabalho no meio rural; A Escola deve capacitar para cooperação; A Escola deve refletir e qualificar experiências de trabalho produtivo com crianças no assentamento; A escola deve ajudar no desenvolvimento cultural dos assentados; O Ensino deve partir da prática e levar ao conhecimento científico da realidade; O Coletivo da Escola deve se preocupar com o desenvolvimento pessoal de cada aluno. (MST, 1996, p. 39).

A primeira experiência da horta no sistema agroflorestal aconteceu no ano de 2015 em parceria com a Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) denominado “Projeto

Formação em Agroecologia dos Jovens no Ensino Médio das Escolas Itinerantes do Paraná. O projeto teve como objetivo implementar práticas agroecológicas nas comunidades vinculadas ao MST por meio da juventude.

Contudo em 2017 a comunidade decidiu construir no local da horta uma igreja, nesse mesmo ano as práticas agroflorestais deixaram de existir para dar lugar para a construção. A comunidade acompanhada dos colégios assumira o compromisso em retomar o sistema agroecológico em outro espaço próximo aos colégios do assentamento. E assim aconteceu.

Assim sendo a segunda e atual experiência agroecológica iniciou-se em 2021. Comunidade, professores e amigos do MST se reuniram e retomaram a tão esperada agrofloresta e permanece até os dias atuais sendo mantida através do Núcleo Setorial¹ de Agroecologia.

Histórico das Escolas do Assentamento Valmir Motta de Oliveira.

Os colégios do assentamento estão localizados próximo as margens da BR 277 no KM 572 no município de Cascavel-PR. Primeiramente surgem como escola itinerante² no Acampamento Dorcelina Folador³ com o nome de Escola Itinerante Zumbi dos Palmares, e é resultado da ocupação realizada pelo MST na antiga Fazenda Cajati em 1999.

À medida que a luta pela reforma agrária se efetiva através de novos assentamentos algumas Escolas Itinerantes deixam de existir e passam a serem fixas na comunidade.

Ao longo de sua trajetória, a Escola Itinerante Zumbi dos Palmares sempre contou com a colaboração, o esforço coletivo e o trabalho voluntário. A primeira unidade escolar foi erguida no acampamento Dorcelina Folador, uma das primeiras áreas ocupadas no vasto terreno pertencente à família Festugato, em Cascavel, no dia 18 de maio de 1999. Toda a construção da escola foi realizada pelas famílias Sem Terra, assim como a preparação das refeições para

¹ Núcleo Setorial são uma forma de reagrupamento horizontal, entre estudantes de diferentes idades, articulados à gestão da escola como espaço de auto-organização dos estudantes aliados ao ensino (conteúdo das disciplinas). Estes serão os espaços de vivenciar a teoria e prática, pois os educandos professores/educadores desenvolverão um conjunto de ações que perpassam a prática de planejamento coletivo, a execução de tarefas e a apropriação de conhecimentos científicos, e seus fundamentos sócio econômicos e suas relações, bem como as diversas técnicas de fazer determinada ação e sua aprendizagem na prática.

² A Escola Itinerante acompanha o deslocamento das famílias Sem Terra e garante às crianças, jovens e adultos acampados o direito à educação. É uma escola Pública e foi aprovada pelo Conselho Estadual de Educação sob o Parecer N°1012/03 em 08 de dezembro de 8/12/2003, uma parceria entre a Secretaria de Estado da Educação do Paraná e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

³ Dorcelina de Oliveira Folador, 30/10/1999 (36 anos), foi assassinada por pistoleiros e foi homenageada pelo seu legado.

as crianças, a limpeza e a manutenção do espaço, que eram organizadas de maneira colaborativa e voluntária pela comunidade.

Figura 1: Inauguração da Escola Itinerante Zumbi dos Palmares



Fonte: Arquivos da EMC Zumbi dos Palmares e do CEC Aprendendo com a Terra e com a Vida.

A Escola Itinerante Zumbi dos Palmares, iniciou seus trabalhos com o intuito de assegurar a educação escolar para todos os integrantes da comunidade do MST. A escola era garantida pela coletividade da comunidade, cada membro desempenhava uma função diferente, para garantir que todas as crianças tivessem acesso as atividades escolares. Até o nome da escola foi escolhida pelos integrantes, através de um debate entre as famílias acampadas.

“Por unanimidade a Escola Itinerante passou a ser chamada de Zumbi dos Palmares. Com o Aprendendo com a Terra e com a Vida também obteve uma forte defesa, ficou como lema da escola, ficando assim definido o nome: Escola Itinerante Zumbi dos Palmares e Aprendendo com a Terra e com a Vida (MST, 2008, p. 59, grifos nossos).

Durante alguns anos a Escola se manteve itinerante e se passou por vários acampamentos para que os alunos tivessem direito a educação inclusiva de qualidade e não discriminatória.

Em 2004, a primeira itinerância da escola aconteceu. A Escola Itinerante foi dividida em duas, alguns educadores acompanharam uma parte das famílias para a nova ocupação, enquanto outros ficaram no acampamento Dorcelina para dar continuidade aos seus esforços.

Nesta fase inicial de mobilização, retomou-se o trabalho coletivo para a construção da nova escola no acampamento "Primeiro de Agosto". É importante destacar que as salas de aulas eram construídas pelas famílias, e em um primeiro momento foram utilizadas lona e taquara trançadas, mas antes que ficassem prontas as aulas aconteciam em ambientes improvisados, como em baixo de árvores e no meio de plantações.

Diante das novas ocupações de terras na região oeste do Paraná, a Escola Itinerante Zumbi dos Palmares iniciou a criação de novas instituições de ensino, designando educadores e educadoras para acompanhar essas áreas emergentes e estruturar as novas escolas. As escolas estabelecidas foram: EI Oziel Alves, no antigo acampamento Casa Nova, agora Resistência Camponesa, situado no complexo Cajati⁴; EI Terra Livre, no acampamento Terra Livre, na área anteriormente pertencente à Syngenta, em Santa Tereza do Oeste; e Escola Novos Caminhos do Campo, localizada ao longo da BR-277, entre os municípios de Cascavel e Céu Azul.

Em 2011, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) estava tentando realizar o processo de aquisição da área que pertencia ao Complexo Cajati, com o objetivo de implementar a Reforma Agrária. Começou-se então a discutir a viabilidade de reunir todos os alunos dos diversos acampamentos organizados pelo MST. Em resposta a isso, em 2012, a escola iniciou uma nova fase de itinerância, começando os procedimentos para se tornar uma Escola de Assentamento.

Antes de efetivar a centralização dos alunos no Assentamento Valmir Mota de Oliveira, foi promovida uma conversa com as famílias que estavam acampadas nas proximidades da área do assentamento. Os acampamentos envolvidos foram Sete de Setembro, Casa Nova, 1º de Agosto, São João e as próprias famílias do Assentamento Valmir Mota de Oliveira. Após as conversas com as famílias Sem Terra de cada local, decidiu-se envolver as diversas comunidades no processo de reconstrução da escola. O plano era realizar uma nova itinerância, reunindo as cinco comunidades. Anterior há mudança os estudantes das comunidades solicitaram transferência, para iniciarem o ano letivo de 2012 na Escola Itinerante.

Embora a terra tenha sido oficialmente desapropriada em 2012, a municipalização da escola, que passou a oferecer Educação Infantil e os Anos Iniciais, só ocorreu em 2014. Isso ocorreu mesmo com o Decreto 11.167/2013, que criou e autorizou a escola, datado de 6 de março de 2013. Portanto, apesar da criação e autorização da escola municipal, ela continuou operando em 2013 como uma Escola Itinerante, oferecendo desde a Educação Infantil até o

⁴ É o conjunto de diversas fazendas ligadas entre os familiares e parentes.

Ensino Médio. (REFERENCIAR). Assim, a partir de 2014, a Escola Itinerante Zumbi dos Palmares, com o lema “Aprendendo com a terra e com a vida”, deixou de ser itinerante e os Anos Iniciais passaram a fazer parte da administração da prefeitura de Cascavel. Apesar dessa mudança, o nome Zumbi dos Palmares foi mantido, e o lema foi adotado como o nome do futuro colégio estadual.

Enquanto isso, os Anos Finais do Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos, que estavam sob a responsabilidade da rede estadual, continuaram a operar como Escola Itinerante até o final de 2014. Apesar de terem recebido autorização para funcionamento através do Ato Legal 5639/13 da SEED/CEF, datado de 03/12/2013 e publicado no diário oficial em 26/12/2013, a formalização como CEC Aprendendo com a Terra e com a Vida só ocorreu com o início do ano letivo de 2015.

Figura 2: Vista aérea da Escola Municipal Zumbi dos Palmares e Aprendendo com a Terra e a Vida. Primeira estrutura feita pela comunidade.



Fonte: Arquivos da EMC Zumbi dos Palmares e do CEC Aprendendo com a Terra e com a Vida.

A estrutura como vista na foto de madeira em formato de meia lua, foi construída por meio da autogestão da comunidade, sem investimento do poder público, e ainda continua abrigando parte dos trabalhos educativos do CEC Aprendendo com a Terra e com a Vida. Desde 2014, a comunidade escolar reivindica do Governo Estadual a construção do prédio da Escola, diversos protocolos já foram arquivados e a negação e negligência permanecem. Como resposta ao conjunto de reivindicações da comunidade, no início do ano de 2023, a SEED apresentou a possibilidade de substituição das salas de aula de madeira. Entretanto, a substituição não

caracteriza a construção do prédio escolar, pois esse projeto não contempla as edificações do refeitório, laboratórios, biblioteca e banheiros.

Referente à estrutura física da escola municipal, foi edificada e inaugurada no início do ano letivo de 2018.

Primeira experiência agroflorestal

As atividades do projeto aconteceram entre novembro de 2015 e 2017. Nesse momento somente o colégio da rede estadual participou da experiência. A ideia foi desenvolver um experimento agroflorestal onde os educandos se dedicassem às ações em contraturno. O local definido para as experiências ficava cerca de 50 metros do Colégio Aprendendo com a Terra e com a Vida. No espaço já existiam algumas plantas frutíferas, mas sem manutenção há algum tempo. A partir das práticas agroecológicas foram cultivados além de verduras outros tipos de alimentos. Depois de algum tempo passou a produzir vários tipos de alimentos saudáveis. Fizeram parte deste trabalho doze educandos e a coordenadora Eliane Balbinotti, os quais se dedicavam no contraturno escolar a realizar as atividades.

No espaço, existia um pomar de plantas frutíferas exóticas e nativas, porém estava sem manutenção há algum tempo. Para iniciar os trabalhos, foram feitas roçadas, capinas e plantios de adubos verdes, como mucunã anã, feijão guandu, feijão de porco, entre outros.

Após a retirada dos primeiros adubos verdes, foram erguidos canteiros e realizados plantios de olerícolas de modo geral, como alface, rúcula, almeirão, couve, salsinha e cebolinha. Em seguida, entrou-se com plantios de árvores frutíferas.

Foram plantadas cerca de 192 mudas, sendo arranjadas no sistema em nove linhas de sessenta e quatro metros de comprimento, contendo 26 espécies diferentes, entre elas, erva-mate, pitanga, abacate, pêssago, pera, araçá, ameixa e outras mais. (REFERENCIAR)

Nas laterais da agrofloresta, foram plantadas capim napier e bananeiras para proteger o sistema de possíveis derivações de agrotóxicos dos lotes circunvizinhos.

Os educandos vivenciaram seminários de compostagem, adubações, podas, coberturas vegetais, entre outras, tudo com supervisão da coordenadora, ou seja, havia a potencialização na replicação do conhecimento, funcionando como uma educação horizontal entre os próprios educandos.

Figura 3: Estudantes em atividade contra turno.



Fonte: Silva et al. (2017)

A agrofloresta se desenvolveu e os estudantes passaram a sentir uma conexão profunda com o ambiente. Foram estabelecidas escalas para os períodos sem aula, como feriados, finais de semana e férias, para que alguns alunos se encarregassem de ir até a escola para realizar as irrigações e o manejo necessário. Nos dias de aula, os alunos também se organizavam para chegar antes ou logo após o término das aulas, a fim de realizar esses cuidados essenciais. Esse envolvimento criou um ambiente de atenção e carinho pela horta.

Os alimentos ali produzidos eram, no geral, colhidos e levados até a cozinha da escola para seus devidos preparos e servidos para o consumo de modo coletivo.

Em 2017, a comunidade decidiu construir uma igreja, e a área escolhida para a construção coincidiu com o local onde a agrofloresta estava frutificando. No mesmo ano, a agrofloresta foi desfeita para dar início à construção da igreja. Em compensação, a comunidade se comprometeu a criar uma nova agrofloresta em uma área próxima, respeitando os limites estabelecidos.

A partir do projeto os alunos desenvolveram uma conexão mais intensa com a natureza e reconheceram a importância de uma produção de alimentos saudáveis. Adquiriram novas habilidades, como trabalho em equipe, cooperação e um senso crítico em relação à sociedade em que estão inseridos.

Em 2021 uma nova horta no sistema agroflorestral foi construída, a partir da coletividade que é uma prática desenvolvida continuamente pelos colégios de assentamentos do MST.

Nova Agrofloresta

Em março de 2021, iniciou-se o planejamento das atividades para dar seguimento a construção de uma nova agrofloresta. A área escolhida foi próxima a escola municipal, tendo uma área aproximada de 1.155 m² (35 metros de comprimento e 30 metros de largura) sentido leste/oeste uma equipe se reuniu para dar início aos trabalhos juntamente com as especialistas em Agroecologia, Eliane Balbinotti e Joelma Gomes de Queiroz. O primeiro passo foi elaborar um esboço técnico inicial. Além das especialistas a equipe contou ainda com Renato Reinehr, morador próximo da escola, Angela Lisboa Gonçalves e Indianara Aparecida Calamancio de Oliveira, funcionária da escola municipal. A proposta foi inserir uma planta nativa a cada 1,50 m, a cada 6 m uma exótica, e entre elas uma fruta nativa, e, por fim, uma planta adubadeira entre cada muda inserida.

Com o esboço pronto algumas pessoas se reuniram para iniciar de fato a implantação da agrofloresta, professores, funcionários das escolas, moradores da comunidade, fizeram os canteiros, prepararam o solo e plantaram as primeiras mudas frutíferas.

A área escolhida estava em descanso, então foi necessário ser preparada. Foram feitos manualmente os buracos para as mudas (30x30x30 cm e 60x60x60 cm, conforme o tipo de planta) canteiros de 1,20 m. Nesses canteiros, foram plantadas as árvores frutíferas, e entre as linhas dessas árvores, foi feito o cultivo de hortaliças e outras plantas menores. Nos canteiros foram utilizados caule de bananeira, para servir de adubo e manter a umidade do solo, também foram cobertos com terra e capim brachiaria/seco. A adubação foi realizada com cama de aviário e esterco bovino.

A combinação de plantas deu melhor utilização do espaço nos canteiros e permitiu consórcio entre as plantas amigas, uma dando suporte para o desenvolvimento da outra. Com o início das aulas, os estudantes passaram a exercer atividades pedagógicas na agrofloresta no plantio de hortaliças, medicinais e condimentares, em tarefas de cuidado, observação de crescimento e colheita, que serviram de alimento aos estudantes. Essa participação acontecia e ainda acontece através dos núcleos setoriais. alunos participavam de atividades disciplinares sob a orientação dos educadores, que focavam na aquisição de conteúdos curriculares apropriados para a etapa escolar. Dessa maneira, estabelecia-se uma conexão com o ambiente e com a agroecologia. Os Núcleos Setoriais da Escola Municipal do Campo Zumbi dos Palmares e do Colégio Estadual do Campo Aprendendo com a Terra e com a Vida, ambos no assentamento Valmir Mota de Oliveira, no município de Cascavel, envolvem ações de agroecologia que incluem atividades teóricas e práticas.

Figura 3: Estudantes durante o Núcleo Setorial Agroecologia.



Fonte: Arquivos da EMC Zumbi dos Palmares e do CEC Aprendendo com a Terra e com a Vida.

No ano de 2022 outro projeto se instala nas escolas, custeado pelo governo estadual. Com o nome “Educação do Campo: A Extensão ensinada por meio da Educação Ambiental e Agroecologia” foi dirigido pelo mestre em Agroecologia Junior Chaves Rodrigues, que atuava como bolsista pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Durante o projeto varias atividades foram realizadas unindo a teoria com prática, dando ênfase a técnicas agroecológicas.

Antes de dar início ao projeto foi realizado primeiramente um levantamento das ações que seriam realizadas, e estabelecido as tarefas dos estudantes durante o núcleo setorial. Em seguida as escolas fizeram o planejamento, considerando as demandas da Agrofloresta e também a faixa etária dos estudantes na divisão de tarefas.

Com o projeto em andamento foram realizados vários tempos de estudo, com objetivo de compreender a definição, importância, constituição e manejo da Agrofloresta. Além disso, foi realizada a capina em volta das mudas já existentes, a plantação de novas mudas frutíferas e foram feitas coberturas vegetais e manejo de poda nessas plantas.

Para a manutenção da Agrofloresta foi realizado limpeza no local, controle das plantas insetos e pragas indesejadas, foram construídos novos canteiros e plantadas mudas de olerícolas (hortaliças). Para manter a umidade do solo, colocou-se cobertura vegetal. Essas ações renderam boas colheitas de alimentos, que foram destinados a merenda escolar e uma parte doada a comunidade.

Foto 4: Colheita de olerícolas realizada na agrofloresta, estudantes do quarto ano e Professora Vera Marcondes.



Fonte: Junior Chaves Rodrigues (2022)

Considerações

A agrofloresta buscou e busca promover a valorização da relação do ser humano com plantas que fazem parte desse sistema. Ela é de fundamental importância na vida dos estudantes; a interdisciplinaridade, alinhada à teoria e prática, ajuda no desenvolvimento humano crítico, na conscientização aos cuidados e defesa da vida.

A partir das diversas experiências acumuladas com as práticas agroecológicas, é correto afirmar que as escolas do assentamento juntamente com a comunidade vêm constantemente tentando integrar a agroecologia no cotidiano dos estudantes. Isso ocorre porque entendem que a agroecologia une o cuidado com a vida e com a terra, ligando o conhecimento científico à prática agrícola tradicional.

Outro ponto importante que vale destacar é a contribuição do núcleo setorial, pois as atividades realizadas nesse momento demonstram na prática como é possível produzir alimentos saudáveis e variados, com foco na saúde humana e na preservação ambiental.

As ações durante o núcleo permitiram aos estudantes uma melhor relação com as plantas, conscientização sobre a importância de cada elemento vivo para a sobrevivência do planeta. Passaram a entender sobre preservação da diversificação das espécies, considerando ser protagonista e sujeitos do próprio trabalho, desde o plantio até a colheita.

Apesar de todas as contribuições positivas das práticas agroecológicas ao implementar e manter uma agrofloresta, vale ressaltar que alguns pontos negativos foram detectados. Pode-se apontar alguns limites dessa experiência, como a necessidade de contínua atividade em tempo integral de algum responsável necessita-se de ampliação do espaço, adequação de viveiro de mudas, manejo diário das plantas e solo, inserção de barreiras em torno da agrofloresta e a reposição de mudas. As restrições estruturais, a escassez de recursos e ferramentas, além do desinteresse de alguns alunos, não impediram a realização das ações, mas impactaram negativamente os resultados obtidos. Muitos alunos ainda não reconhecem a importância deste momento educativo e têm dificuldade em compreender o pleno desenvolvimento pessoal que pode ser alcançado e a verdadeira razão do trabalho socialmente relevante.

Ainda que algumas restrições existam, a continuidade da agrofloresta a partir do Núcleo Setorial é crucial para o processo de ensino e aprendizagem. Pois essas atividades conseguem conectar teoria e prática, aumentar a consciência ambiental e, sobretudo, destacar a importância das práticas sustentáveis na produção de alimentos para a preservação do planeta. Além disso, a disseminação dos princípios agroecológicos reforça e incentiva o projeto de agricultura camponesa, que visa o uso socialmente responsável da terra.

Referências

CALDART, R. S. **Sobre as tarefas educativas da Escola e a Atualidade**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2023.

FRANCO, F. S. **Agrofloresta-Sistemas Agroflorestais**. In: DIAS, A.P. STAUFFER, A. B. MOURA, L. H. G. VARGAS, M. C. (Org.). **Dicionário de Agroecologia e Educação**. 1. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Expressão Popular, 2021. p. 84-90.

GUHUR, D. M. P. TONÁ, N. **Agroecologia**. In: CALDART, R. S. PEREIRA, I. B. ALENTEJANO, P. FRIGOTTO, G. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. 2. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 57-64.

PPP – **Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual do Campo Aprendendo com a Terra e com a Vida**. Cascavel, 2022.

POROLONICZAK, J. A. SAPELLI, M. L. S. SOLDA, M. MATOS, N. S. D. MAZZUCO, N. G. KOLING, P. J. LEITE, V. J. **20 Anos de Lutas e Resistência na Educação do Campo: Escola Municipal do Campo Zumbi dos Palmares e Colégio Estadual do Campo Aprendendo com a Terra e com a Vida**. Cascavel, Edunioeste, 2023.